

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

O SECULO

N.º 722

AS EXIGENCIAS da PRINCESA

♦ ♦ Por MANUEL FERREIRA ♦ ♦

NÃO havia pessoa mais exigente, naqueles tempos remotos, do que a princesa Clarisse, filha do soberano do trono da Maravilha.

Nada a satisfazia. Agora vestia um tecido de brocado. Rejubilava, mas, daí a horas, afastava o vestuário com um feio gesto de enfado, pois já cubicava outro, mais lindo ainda, de rendas. Os pagens, a tardinha, iam, sob as janelas floridas do palácio, cantar lindas canções em sua honra. Contudo, eram constantemente interrompidos, sempre que a princesa se lembrava de outras canções.

A' mesa, as suas exigências eram constantes e faziam andar num sarilho os pobres criados.

Linda, como não havia outra no reino, Clarisse chegara aos dezolito anos. Seu pai, que já contava muitos invernos, receava deixar o mundo, sem deixar a filha apoiada ao braço forte de um esposo. Uma tarde, el-rei chamou-a aos seus aposentos e disse-lhe:

— «Clarisse! Completas a idade em que as princesas escolhem noivo. Se bem que, julgo, ainda em tal não pensasses, venho dizer-te que, no dia do teu aniversário, se realiza uma festa em que comparecerão os muito ilustres príncipes das casas reais vizinhas.

Espero que, de entre, todos, tu designes o mais bondoso e nobre para lhe concederes a tua mão.»

Clarisse, que vivia descuidada e feliz, só então mediu as responsabilidades que iria assumir. Beijou o pai e retirou-se.

No dia determinado, realizou-se a grande festa no palácio, que cintilava de flores e lumes. A princesa estava maravilhosa. Porém, quando chegou o momento de escolher noivo, em todos ela encontrou defeitos: um, era alto; outro, gordo; outro, com o nariz comprido, etc.; de modo que a festa terminou sem que a princesa se decidisse.

Ora, entre os príncipes, havia um jovem e belo, chamado Jasmim, que gostava imenso da princesa. Exasperado, por Clarisse não haver tomado uma atitude, procurou o pai da princesa e combinou um plano. El-rei concordou e, no dia seguinte, chamou a filha, dizendo-lhe:

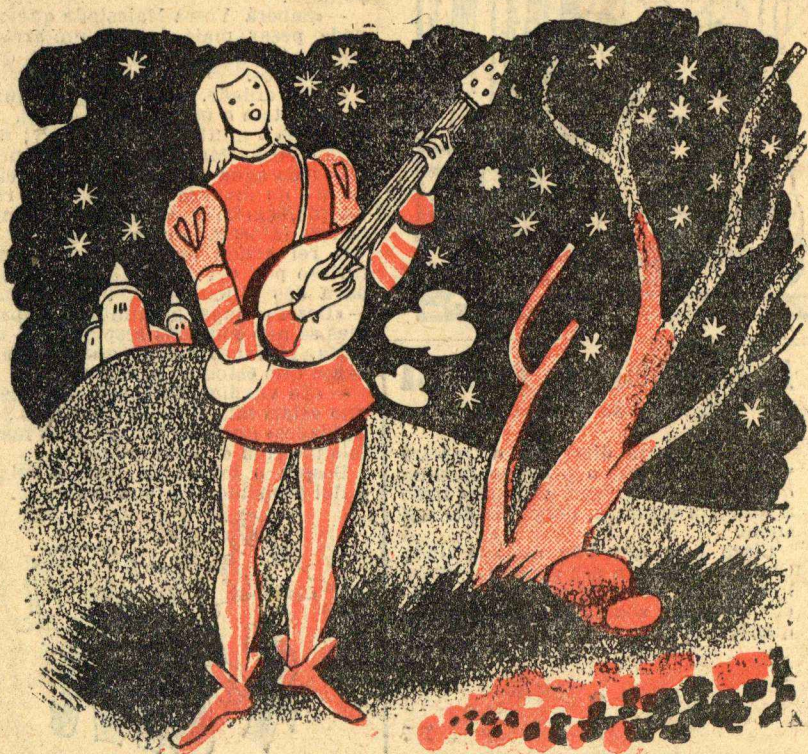
— «Como não escolheste noivo na festa que ontem se realizou, venho prevenir-te de que, amanhã, ao meio dia, vamos à varanda do palácio. O primeiro homem solteiro, velho ou novo, rico ou pobre, que passar na rua, será teu marido.»

A princesa ficou estupefacta. Mas, como «palavra de rei não volta atrás», Clarisse teve de acatar a ordem de seu pai. No dia seguinte, à hora marcada, el-rei e a princesa estavam à varanda. A primeira pessoa a passar, foi um trapeiro rótico e sujo, que levava às costas uma sacola cheia de papel velho.

El-rei chamou-o. Para infelicidade da princesa, o homem era solteiro. Logo ali se combinaram os esponsais.

Naquele dia a princesa chorou como nunca, a pensar no seu consórcio com o trapeiro. E tantos príncipes que haviam ambicionado a sua mão, sem que ela se decidisse por algum!

Porém, à chegada do noivo, a princesa julgou sonhar. Na sua frente, belo e ricamente vestido, estava o príncipe Jasmim.



(Continua na página 2)

FREI JOAO SEM CUIDADOS

CONTO POPULAR da TRADIÇÃO COIMBRÁ

«**F**REI João Sem Cuidados» vivia feliz, sem preocupações. Com seu hábito de burel e sandálias de couro, errava pelas ruas da cidade, sempre encantado na contemplação dos transeúntes, dos pregoeiros com suas canastras à cabeça ou sobre as albardas dos burrinhos, sorrindo, com enleio, para todas as coisas que lhe recordavam a sua meninice, como se fossem brinquedos em ponto grande.

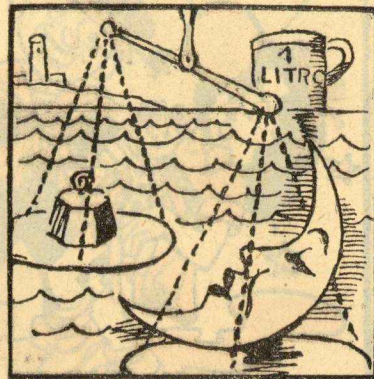
Certo dia, porém, o rei da terra em que ele vivia, mandou-o ir à sua real presença e disse-lhe assim: — «Mandei chamar-te, «Frei João Sem Cuidados», por saber que levas a vida a observar o mundo. Muito deves ter aprendido. Vou, portanto, fazer-te três perguntas às quais terás de me responder amanhã, a esta mesma hora e, se me não deres respostas acertadas, mandar-te-hei matar.»

Deveras preocupado, «Frei João Sem Cuidados» titubeou, então: — «Dizei, Majestade, a que perguntas deverei responder?» — «São muito simples, disse o Rei, finalmente. Quanto pesa a lua. Quanta água tem o mar e em que estou eu pensando.»

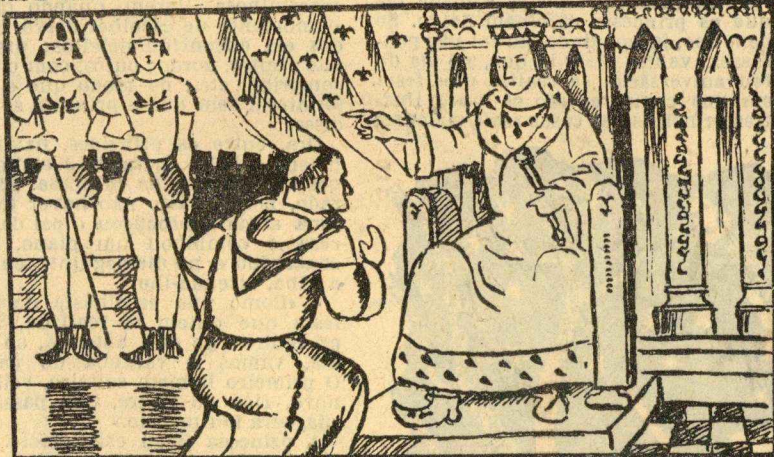
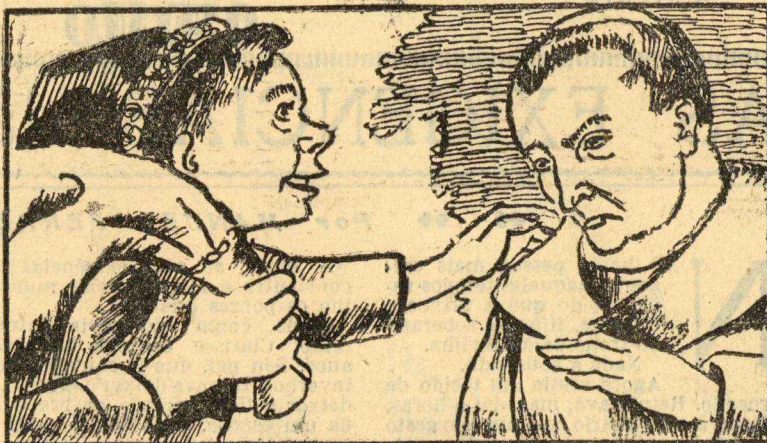
«Frei João Sem Cuidados» anotou as três perguntas e retirou pensativo. Foi andando meditabundo mas, por mais que pensasse, não atinava com as respostas a dar.

Previendo o seu triste fim, pôs-se a chorar, no momento em que passava perto, por acaso, o TIZÉ Moleiro, que tinha fama de ser muito esperto e que muito simpatizava com «Frei João Sem Cuidados».

— «Porque choras? — perguntou êle. Então, já sabedor do motivo, o TIZÉ Moleiro exclamou: — «Não te aflijas que eu te salvarei! Empresta-me o teu hábito de burel e as tuas sandálias; eu irei por ti e responderei às três perguntas.»



No dia seguinte, à hora marcada pelo Soberano, o TIZÉ moleiro apre-



sentou-se como se fôra o «Frei João Sem Cuidados.»

Então, o rei fez-lhe a primeira pergunta: — «Ora, vamos lá a saber: — Quanto pesa a lua?»

Imediatamente o TIZÉ Moleiro respondeu:

— «Saberá Vossa Majestade que não pode pesar mais do que um arrátel, porque todos dizem que ela tem quatro quartos.»

— «E' verdade. Dize-me, agora, quanta água tem o mar...» torna o Rei.

— «Isso é muito fácil de saber; mas como Vossa Majestade apenas quer saber da água do mar, tem primeiramente de mandar tapar todos os rios, porque, sem tal determinação, ninguém poderá informá-lo com acerto.»

O rei achou bem respondido, mas furioso por ver que Frei João se escapava das dificuldades, tornou ainda: — «Destas duas perguntas escapaste mas se não souberes responder a terceira, já sabes a sorte que te espera: — Em que estou eu pensando?»

— «Eu vos digo, Majestade: — Pensais que estais falando com «Frei João Sem Cuidados» quando, afinal, estais mas é falando com o vosso moleiro.

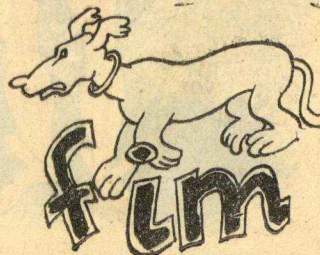
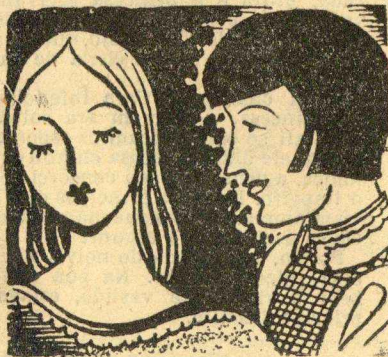
Despiu o hábito de frade e deixou o Rei pasmado pela sua esperteza.

AS EXIGENCIAS da PRINCESA

(Continuação da página 1)

Escusado será dizer que o trapeiro velho e sujo, era o príncipe Jasmim que, assim disfarçado, dera uma lição à indecisa princesa, pregando-lhe um susto.

Claro está que não mais a linda Clarisse tornou a ser exigente. Viveu largos anos, com seu marido, no palácio do velho soberano, sempre muito querida do povo.



VELHA HISTÓRIA

Por MARIA AMÉLIA BÁRCIA

A história é bem conhecida
E de todos bem sabida.
Mas não perde em ser lembrada

À pequenada.
Pode até servir de aviso
Aos meninos mandriões,
Aos meninos sem juízo,
Que não sabem as lições
E, todo o dia a pular
E a saltar
Tal e qual como a cigarra
Cantadeira,
Só pensam na brincadeira.
Mas basta de conversar
E vamos nós escutar
Essa história tão antiga
Da cigarra e da formiga:

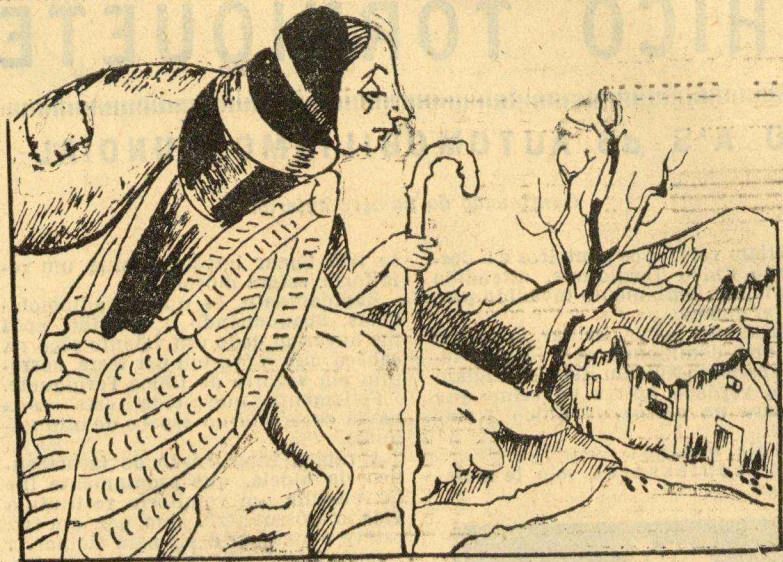
Chegara o Inverno. A neve
Vai caindo branca e leve
E, envolvida nêsse manto,
Todo frescura e encanto,
A terra repousa agora.

Além, pela estrada fóra,
Caminha, muito apressada,
A cigarra. Mas, coitada!
Leva ao ombro uma sacola
E, como quem pede esmola,
Vai bater, devagarinho,
De mansinho,
Quási a mêdo,
A' porta duma casinha
Muito caiada e branquinha
Que alveja entre o arvoredo.

— «Truz, truz, truz...
Dá-me licença?
Posso entrar, Dona Formiga?»

— «Oh, é Você?! Pode entrar
Mas não p'ra se demorar,
Minha amiga.
Conte depressa o que quere,
Porque tenho que fazer.»

E a cigarra, envergonhada,
Responde em voz mal segura
Que a amargura
Torna mais fraca e velada:
«Êste Inverno vai chuvoso,
Rigorouso,
E em meu celeiro vazio,
Há muito que falta o pão.»



Vinha pedir-lhe, vizinha,
A esmola de qualquer grão
Ou mesmo duma palhinha
Que me resgarde de frio...
Depois, em chegando o estio,
Juro que virei pagar
Tudo quanto me emprestar.»

Mas a formiga, orgulhosa,
Tem uma expressão maldosa
De ironia e de desdém:
Perdão, não entendo bem
A razão da desventura



Que assim a faz padecer
E sofrer.
O ano foi de fartura
E a ninguém faltou o pão.
Não semeou?
Não colheu?
O que fez durante o verão?

Que fiz? Levei todo o Estio
A cantar ao desafio.
Desde que rompia a aurora

Cheia de graça e beleza,
Até a noite tombar
Sôbre tôda a Natureza,
O meu canto sem cessar,
Era um hino de louvor
A' obra do Criador!»

— «E ganhou muito a cantar?»
Grita a outra, em fúria acêsa.
— «Ganhar? Não, não ganhei nada
Mas em qualquer desgarrada
Eu çã fui sempre aplaudida
E ouvida
Com agrado,
No reino da bicharada
O meu canto dava brado!»

Então, em voz chocarreira
E sobranceira,
Volve de novo a formiga:
«Pois muito bem, minha amiga,
Tenho pena, muita pena
De a não poder ajudar.
Mas eu levei todo o verão
Num constante labutar
Para ganhar
O meu pão.
Trabalhei, fui cuidadosa,
Você, que sabe cantar,
Aprenda, agora, a dansar.
Rua, grande preguiçosa!»

E a cigarra, envergonhada,
Lá partiu tôda chorosa,
Murmurando acabrunhada:
«Eu fui pouco diligente...
Ela pouco cairdosa.»

Andou ainda dois passos
Mais em frente,
Suspirou, abriu os braços
E tombou amortalhada
No lençol de neve fria

(Continua na pagina 7)

CHICO TORNIQUETE

O A'S do AUTOMOBILISMO MUNDIAL

Continuação do número anterior

Corriam velozes os ponteiros e o desgraçado Chico Torniquete, estendido no leito, era lentamente invadido pelo terrível veneno.

Entretanto, Boyer, Bellier, Colbert e Hermann, dominando, pela força, o temível bandido Nicolau Rebola, exigiam dêle a verdade acêrca do crime que praticara na pessoa de Chico Torniquete.

— «Fala, maldito!»
 — «Se confessares, não te mataremos.»



— «Que lhe fizeste, patife?»
 Mas apenas um silêncio profundo e terrível respondia a estas ansiosas interrogações.

Quando, porém, Bellier lhe encostou às fontes o cano gelado da sua pistola, pronto a disparar, Nicolau Rebola berrou, dominado pelo terror:

— «Sim. Dei-lhe um veneno poderoso o enérgico. No espaço duma hora,

se não tomar imediatamente um vomitório, estará morto.»

Rapidamente, os quatro automobilistas, abandonando o bandido, após lhe haverem dado um valente sôco na cabeça que o prostou por terra, correram em socorro de Chico Torniquete.

Felizmente que tôda esta cena havia decorrido no espaço de oito minutos.

A rápida intervenção do farmacêutico da aldeia, que prontamente lhe fez engulir um vomitório, restituiu à vida o nosso herói que por um triz esteve a marchar desta para melhor...

Bom. Mas o pior estava passado. Era urgente, agora, reparar o «C. T.», que, bastante danificado pelo trágico incidente, não poderia assim seguir viagem.

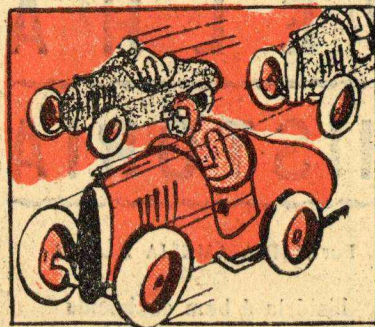
Todos os mecânicos da terra, que eram poucos, — apenas quatro — se juntaram para reparar a avaria o mais rapidamente possível.

E ao fim dum trabalho insano de quatro dias e quatro noites, os nossos bravos homens puseram-se, de novo, a caminho.

Nicolau Rebola, o medonho facinora, e bandido, a quem não repugnava a morte dum homem, ficara amarrado no sótão, atado de pés e mãos, como castigo do seu tremendo crime.

Os cinco célebres automobilistas marchavam, velozmente, tentando recuperar o tempo perdido. De Lisboa já haviam chegado alguns desportistas, horrorizados com o medonho incidente, que seguiam, nos seus automóveis, os carros dos cinco corredores.

Voltemos à estalagem da aldeia. Nicolau Rebola fazia esforços inau-



ditos para se desembaraçar das cordas que o amarravam, quando um ratinho, na sua inconsciência de rato, lhe roeu a corda tôda, dando-lhe assim a desejada liberdade. O terrível bandido, ao ver-se livre, teve um sorriso de triunfo que lhe pôs a descoberto as medonhas cavernas dos seus dentes.

— «Veremos quem vence desta vez!...»

E abrindo a estreita janelinha da água-furtada, saltou, cuidadosamente, para o telhado.

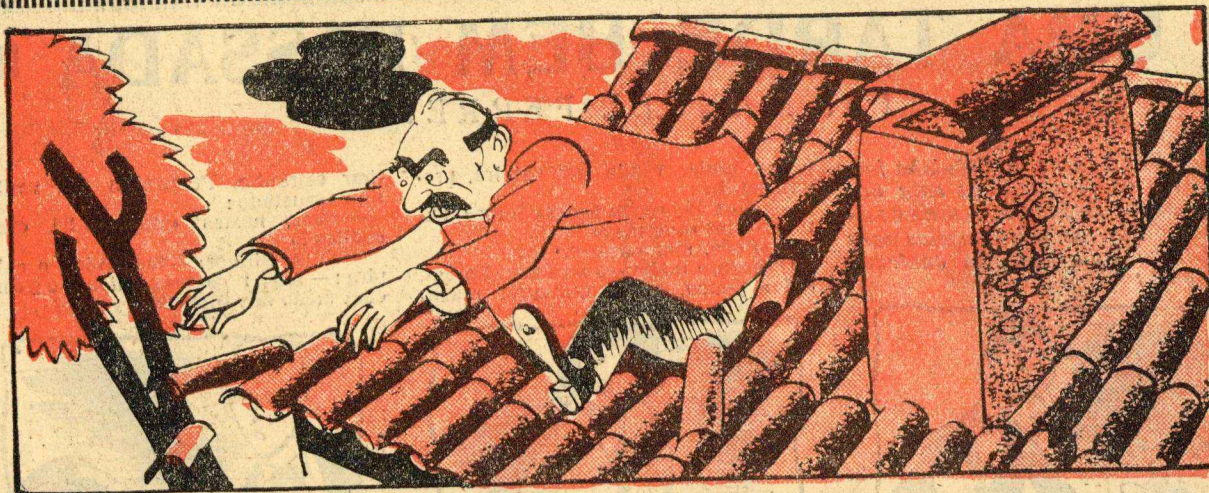
Pê ante pé, receando que o peso do seu corpo de hipopótamo partisse as telhas, Nicolau Rebola foi avançando pelo telhado além.

Mas nisto, com o peso formidável, as telhas: — zás, catrapaz, tlim, tlim, tlim!... — fazem-se em pedaços e o reboludo Rebola vai cair, em chelo, na barriga do dono da estalagem, que dormia, a sono solto, na sua cama. O que então se passou é impossível de descrever-se!! O homenzinho corre em perseguição do bandido; acorda tôda a gente da estalagem (porque me esqueci de dizer que a cena passava-se durante a noite) e todos correm atrás dêle. Ele, a pesar-de gordo e anafado, saltava mesas, saltava camas e, de repente, galgando por uma janela, apanhou-se na rua, correndo, como louco, por êsses matagais fóra, em busca duma vasta clareira onde deixou o seu avião.

Era tempo. A aldeia em pêso, ar-



ARENDU

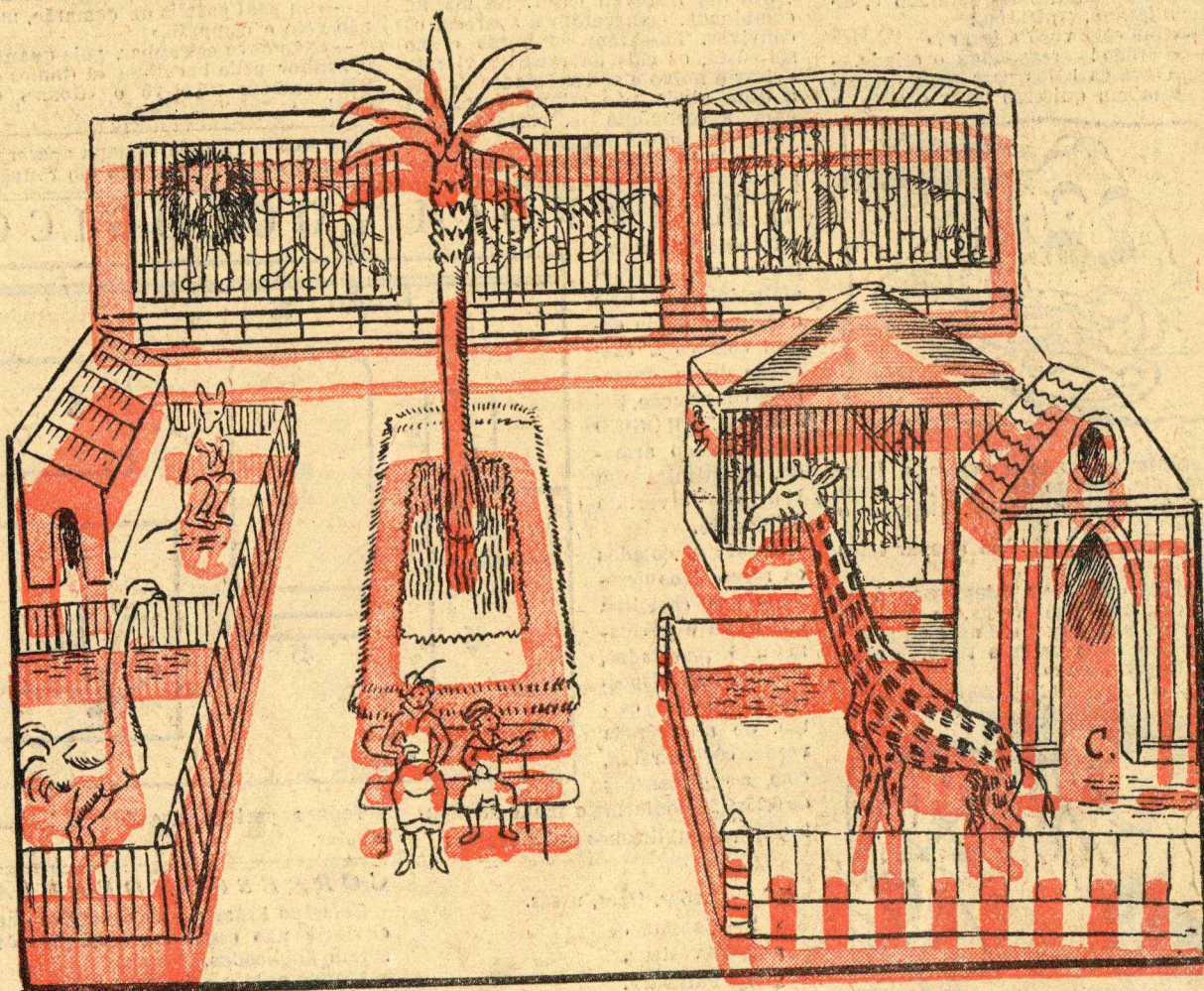


mada de varapaus, foices, enxadas, etc., corria já, pelos campos, quási a alcançá-lo.
Em menos de dois minutos, Nicolau

Rebola pôs o aparelho a andar e quando a massa colérica dos homens chegava ao sítio onde se encontrava o avião, o bandido, com uma gargalhada medo-

na e trocista, eleva-se, triunfalmente, no espaço.
Que mais iria suceder!!!!...
(Continua.)

UM JARDIM ZOOLOGICO

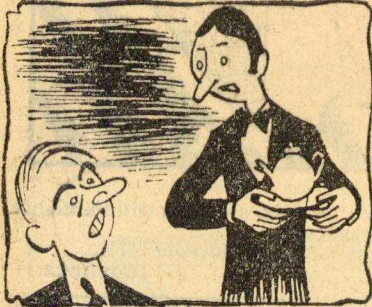


LER AS INSTRUÇÕES NA PAGINA 6 e
VER A CONSTRUÇÃO PARA ARMAR, NA PAGINA 8

UMA TARDE BEM PASSADA

Por MANUEL FERREIRA

NAQUELA tarde, a avózinha juntou os pequenos na sala dos brinquedos. Enquanto, amorosamente, fazia um par de meias para o netinho mais novo, ia contando anedotas:



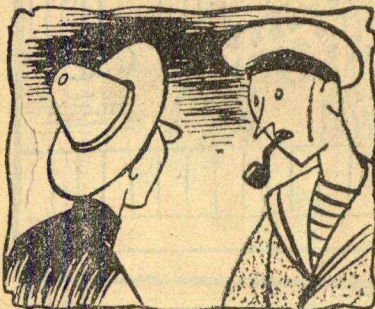
I

Certo dia, num chá, um convidado, cautelosamente, enchia o casaco de bôlos. O criado viu e, ao passar por ele, deitou-lhe chá nas algibeiras. O guloso sentiu-se queimado e, indignadíssimo, protestou:
— «Que está você a fazer?»
— «Perdão! — respondeu o criado. — Como leva os bôlos para casa, julguei que também quisesse levar o chá...»



II

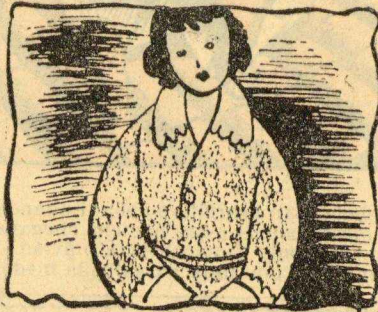
Jerónimo, grande avarento, teve, nesse dia, frango ao jantar. Chupou bem os ossos e, depois, chamou o criado:
— «Toma lá, José! Vai chupar estes ossos.»
— «Como, patrão? Estes ossos já foram chupados duas vezes...»
— «Oh, seu maroto! Então eu posso chupá-los duas vezes e tu não os podes chupar uma?»



III

Um marujo inglês chega ao Brasil. Passeia pelo litoral e, a certa altura,

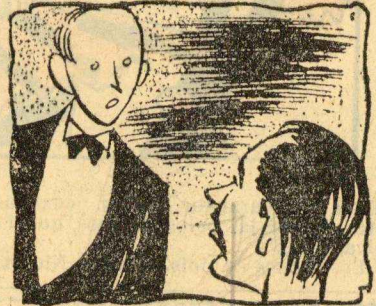
numa praia, vendo um calpíra, perguntou-lhe:
— «Oíça lá, «mim poder» tomar banho nestas «augua»?»
— «Pode, sim «sinhor.»
O marujo meteu-se na água. Porém, daí a pouco, ouviu qualquer maru-



IV

Havia em Arraiolos uma rapariga que era muito morosa em tudo que fazia. Para qualquer coisa, pedia licença a um pé para mover o outro. Um dia resolveu casar. Na manhã combinada, começaram a aparecer os convivas. Passaram as horas e, ao sol-pôsto, os pais da rapariga vieram avisar o noivo e os convidados de que a filha ainda não estava preparada para a cerimónia e, portanto, que voltassem no dia seguinte. No dia imediato, sucedeu a mesma

lhar estranho. Perguntou um nadinha assustado:
— «Mas, nestas «augua» há crocodilos?»
— «Não «sinhor» — respondeu o calpíra: — Aqui os crocodilos fogem com medo dos tubarões.»



V

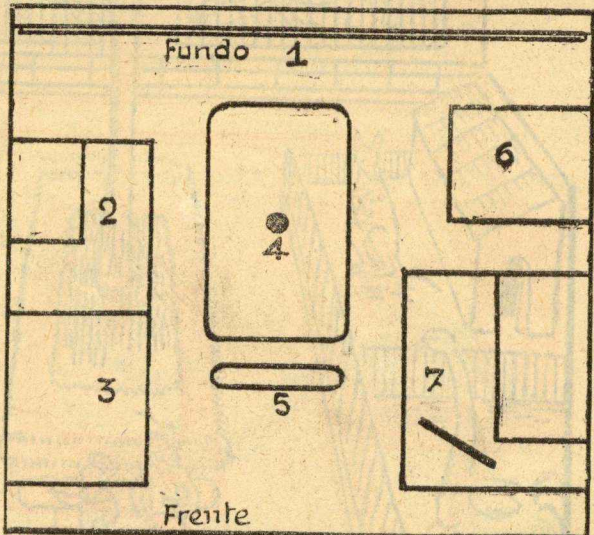
Um homem entra num restaurante e pede pastéis de camarão. Chegados os pastéis, o freguês abre-os e diz ao criado:
— «Eu pedi pastéis de camarão, mas não vejo o camarão.»
— «Não deve estranhar, pois quando o senhor pede bacalhau «à Gomes de Sá» também não vê o «Gomes de Sá»!...»

cena e só daí a uma semana apareceu a noiva mas vinha ainda em roupão.

UM JARDIM ZOOLOGICO

Proporcionamos hoje aos nossos amiguinhos a bela oportunidade de darem começo à execução duma engraçada construção, UM JARDIM ZOOLOGICO que, quando armada, constituirá um lindo e divertido brinquedo.

Depois de colados os respectivos desenhos em cartolina espessa e devidamente recortados, deverão ser dispostos sobre um cartão, de preferência verde, cor da relva, com as dimensões de 0,25x0,22, conforme o plano de montagem que publicamos nesta página:



Todas as partes pretas são para dobrar e colar.

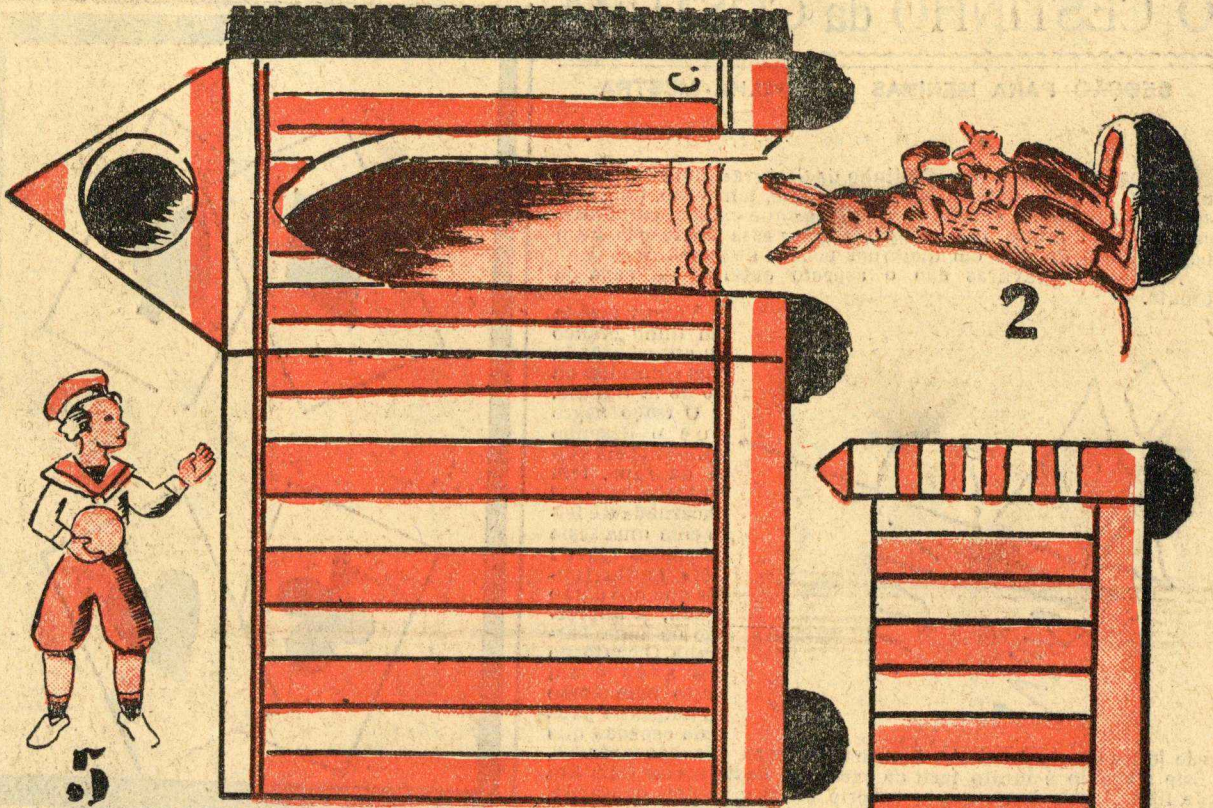
CORRESPONDENCIA

Zeferino Franco — Os desenhos que enviaste não estão em condições de serem publicados.

Manda outros a tinta da china. Milau — Porque não tens mandado colaboração? Não desanimas, pois tens merecimento para mais do que julgas.

TIO PAULO

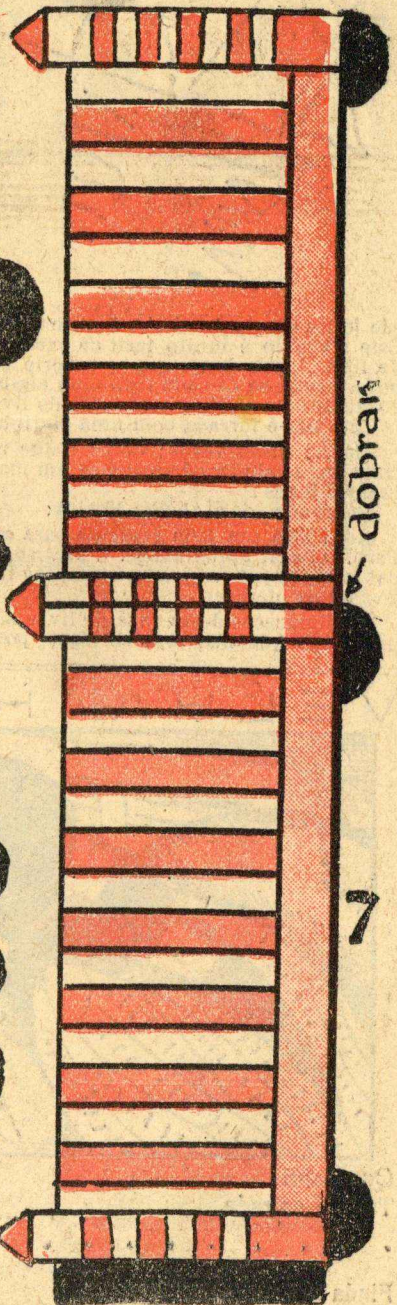
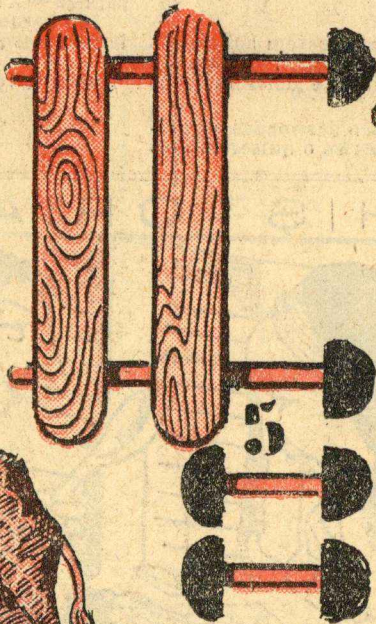
- N.º 1 — Leões, tigre, ursos.
- » 2 — Cangurú.
- » 3 — Avestruz.
- » 4 — Palmeira.
- » 5 — Banco.
- » 6 — Macacos.
- » 7 — Girafa.



7

UM JARDIM ZOOLOGICO

Construção para armar



dobrar

7